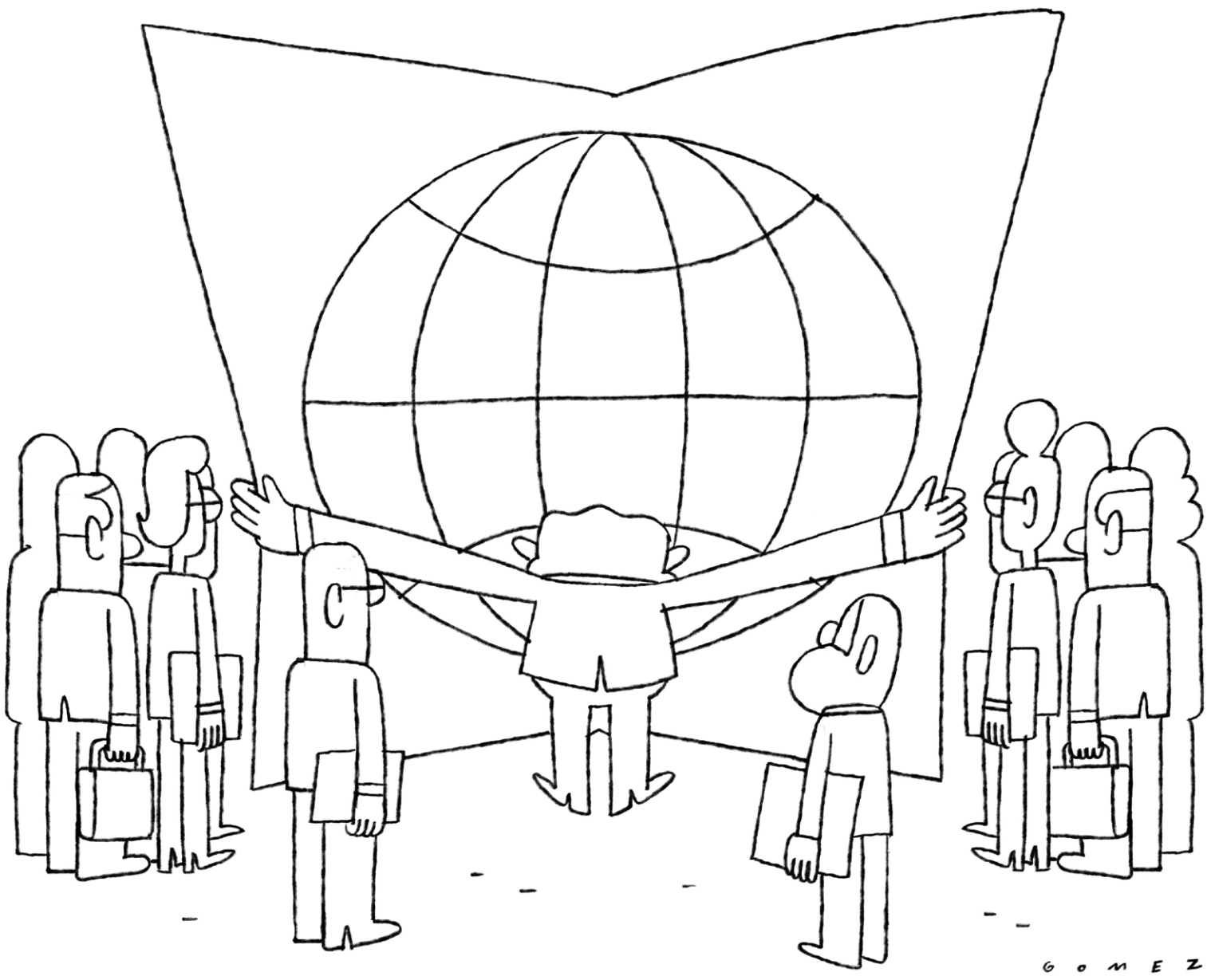
Um estadista para o mundo

» CRISTOVAM BUARQUE
Professor emérito da UnB e membro da Comissão Internacional da Unesco para o Futuro da Educação



Na COP15, em Copenhague, o presidente Obama disse que "não há presidente do mundo". Mostrava a dificuldade para cuidar do problema planetário das mudanças climáticas, usando políticos comprometidos com suas respectivas nações para atender desejos imediatos e individuais de seus eleitores. As revoluções científica, tecnológica e geopolítica integraram os países e suas populações e criaram problemas que se tornaram planetários e de longo prazo, mas a política continua restrita a cada país e ao prazo da próxima eleição. Não há presidente do mundo, nem diplomata planetário. Os diálogos entre nações continuam sem visão do conjunto dos seres humanos e seu futuro comum. Os grandes novos problemas são planetários, mas a solução para cada um deles requer decisões que se chocam com os propósitos e prazos dos eleitores nacionais.

Mudanças climáticas exigem sacrifícios nacionais no consumo presente; a pobreza requer decisões, programas e financiamentos mundiais, que se chocam com a riqueza de cada país; migrações em massa ferem interesses nacionais em países ricos; os crimes e tráficos são organizados internacionalmente, mas combatidos nacionalmente.

O mundo deixou de ser a soma de países, para cada país se transformar em parte do mundo, mas a política continua feita nacionalmente, com reuniões do tipo COP, onde as nações se reúnem conforme os interesses de cada uma, representadas por diplomatas treinados para defenderem seus países. Fracassam porque reúnem presidentes dos países, eleitos por seus eleitores nacionais olhando para a próxima eleição, não por líderes mundiais comprometidos com o futuro de longo prazo da humanidade.

Obama alertou que o mundo precisa de soluções globais, mas a política e os políticos estão presos aos desejos de seus respectivos eleitores. A Terra e a humanidade não são mais conceitos apenas de geógrafos e filósofos, mas ainda não são objetos das decisões de políticos.

O discurso do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva na COP27 apresenta a esperança de um estadismo pensando na humanidade. Ele despontou como um político diferente dos populistas nacionalistas que se interessam apenas por seus respectivos países e foi além daqueles que têm o sentimento do mundo, mas continuam presos às fronteiras nacionais e ao horizonte temporal da próxima eleição. Desponta como candidato a líder global por seu carisma e seu sentimento humanista, mas sobretudo por ser presidente de um país síntese: o Brasil é o melhor retrato do planeta e da humanidade.

Os outros países são mais ricos ou mais pobres, nossa renda per capita é equivalente à do conjunto dos países, nossa concentração de renda é tão grave quanto a concentração em escala mundial, e temos uma massa crítica capaz de pensar e influir no mundo e seu futuro. Os eleitores e presidentes de pequenas ilhas que desaparecerão por causa das mudanças climáticas têm a percepção dos riscos da humanidade inteira para o futuro, mas seus presidentes não têm a representatividade do nosso país: florestas, população, território, economia, riqueza e pobreza. Com sua agenda em Sharm El-Sheikh, Lula mostrou que as relações internacionais precisam ser complementadas por paradiplomacia nem governamental, nem nacional representando temas e grupos, como os povos originários, os pobres, as crianças e as gerações futuras.

A biografia de Lula, a história e geografia do Brasil permitem que desponte como candidato a estadista planetário. Para de fato assumir essa posição, é preciso entender que no mundo contemporâneo cada país é parte do mundo, diferentemente da visão tradicional de que o mundo é a soma de países. Formular doutrina de paz não apenas entre países no planeta, mas dos países com o planeta, não apenas em benefício da geração atual, mas em benefício também das gerações futuras. Precisa ter propostas para os problemas do mundo, executá-los com sucesso dentro do Brasil e dispor de plataformas em organismos e fóruns internacionais que permitam divulgá-las no mundo.

Obama teve razão quando disse que não há presidente do mundo, teve razão também quando em outro momento disse: "Este é o cara!". Falta Lula e nós brasileiros provarmos que o cara é um estadista planetário capaz de enfrentar nacionalmente os grandes problemas da humanidade e levar soluções brasileiras para o planeta.

Famílias mais endividadas e a perda do poder de compra

» DIOGO ANGIOLETI
Especialista em finanças e comportamento do Sistema Ailos

Segundo dados da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), 80% das famílias brasileiras estão endividadas, ou seja, não conseguem viver com sua renda mensal. O índice é mais alto nos lares com renda menor que 10 salários mínimos. Essa significativa parte da população está, portanto, recorrendo a produtos de crédito para manter o padrão de vida ou até atender necessidades básicas como alimentação, vestimenta ou transporte.

As dívidas a vencer das famílias se acumulam principalmente no cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, crédito consignado, empréstimo pessoal, prestação de carro e de casa. Estudo da Serasa Experian revela ainda um dado preocupante: 30% das famílias estão inadimplentes. Esse índice é recorde. São quase 68 milhões de brasileiros com dificuldades para manter as contas em dia. O atraso nos pagamentos gera problemas na economia local, desestabiliza os fluxos de caixas das empresas, mas acima de tudo gera desconforto e privações para as famílias.

A maior parte das dívidas são com bancos e cartões (28,8%), seguido de contas básicas como água, gás e luz (22,1%), e financeiras (13,8%), conforme o Serasa. O cenário só não é pior porque houve uma força tarefa em negociações junto aos credores. Trinta por cento dos que buscam o saneamento das dívidas estão na faixa de 30 a 40 anos e 54% são mulheres. Temos uma boa perspectiva em relação a emprego e renda. A taxa de desemprego está melhorando, No terceiro trimestre caiu para 8,7%, a menor desde julho de 2015. O principal motivo da melhora está nas oportunidades de trabalho informal.

Mesmo assim, são ainda 9,5 milhões de desempregados buscando recolocação há mais de 30 dias, e mais de 4 milhões de desalentados (que já desistiram de procurar empregos) segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com esse cenário desafiador, precisamos ficar atentos a como lidamos com nossa vida financeira. Desemprego elevado, alta de juros, preocupações com a decisão da direção política do país, guerra internacional e problemas na Europa, que podem levar à recessão global são fatores que afetam e dificultam uma retomada mais rápida da nossa economia.

Todos esses índices e números são mais dramáticos na população de baixa renda. A realidade dessa faixa da sociedade é bem mais cruel do que revela a estatística. Com o aumento da inflação e, consequentemente, do custo de vida, as famílias vivem com mais dificuldade pois já estão com o orçamento muito apertado e percebem que perderam poder de compra.

É importante que as famílias mapeiem suas dívidas e tenham plena consciência da realidade. Busquem as instituições credoras para negociações ou renegociações que diminuam parcelas e baixem o endividamento mensal excessivo. Esse é um momento de manter o controle e buscar a otimização dos gastos, inclusive avaliando alternativas de consumo mais baratas e lazer que não dependa só do dinheiro. Evitar supérfluos e compras por impulso, afinal a criação de bons hábitos financeiros depende de insistência e disciplina, mas acima de tudo o que nos mantém engajados é a definição de metas e objetivos familiares.

Como o 5G vai impulsionar o ensino a distância?

» RANGEL BARBOSA
Vice-Presidente de Produtos da Cogna Educação

Estamos nos aproximando do final do ano e esse período me faz refletir sobre como será a educação do futuro. E, quando falo sobre futuro, não se trata de 2023, mas dos próximos 10 ou 15 anos. Acompanhamos o crescimento do ensino a distância no país, mas precisamos também observar e participar de outros movimentos importantes, como a chegada do 5G, por exemplo. A rede de conexão impactará vários segmentos da economia, entre eles o da educação, impulsionando o setor no país e minimizando o gargalo ainda existente no acesso ao ensino digital. Essa tecnologia pode transformar a educação superior brasileira, deixando-a mais imersiva e personalizada, com perspectivas de um futuro inédito e com novas experiências.

Segundo a pesquisa *5G: The Next Wave*, da Ericsson ConsumerLab, cerca de 30% dos consumidores globais (mais de 500 milhões de pessoas) pretendem assinar um serviço de 5G em 2023. No Brasil, essa participação é ainda maior, uma vez que 69% dos usuários vão mudar para o 5G no próximo ano. Hoje, pelo menos 24% já possuem um dispositivo pronto para a tecnologia.

A conexão 5G tem capacidade para ser até 20 vezes mais rápida. Nos primeiros testes feitos em Brasília, a nova rede chegou a registrar velocidade entre 500 Mb/s e 1 Gb/s (gigabits por segundo), enquanto a média de velocidade do 4G no Brasil é de 19,8 Mb/s. Na prática, isso representa perder menos tempo com downloads de programas, filmes e séries, além melhorar a experiência com games on-line, por exemplo. Com a melhora da velocidade da internet, é possível pensar em avanços simbólicos e profundos no ensino a distância (EAD).

Teremos a capacidade, por exemplo, de impulsionar o uso de simuladores virtuais e de realidade aumentada nos cursos digitais. Ou, ainda, promover interações ao vivo entre professores e alunos, sem que a conexão sofra instabilidade. Isso porque o sinal é de baixa latência, ou seja, ele tem um delay menor — o tempo necessário para que dados de áudio e vídeo sejam processados para chegarem a seu equipamento.

Isso significa que os alunos poderão baixar conteúdo em vídeo, cada vez mais elaborados e com novas tecnologias, com maior rapidez e com maior agilidade na resposta. Isso permitirá que sejam ministradas aulas em realidade aumentada, com todos os benefícios que essa interação oferece. As conexões mais estáveis de internet no 5G facilitarão as conexões entre o mundo offline e on-line, proporcionando um ensino híbrido de maior qualidade.

O uso de inteligência artificial para personalização das aulas permitirá à instituição de ensino e ao professor mapear habilidades naturais e maiores dificuldades dos estudantes. A partir dessa análise, será possível sugerir as melhores estratégias para o desenvolvimento de competências socioemocionais e empreendedoras, alinhadas às capacidades demonstradas pelos alunos.

O avanço do EAD está intrinsecamente atrelado à capacidade de o 5G estimular um ensino que reforce a interação entre alunos e professores, na construção de um conteúdo que dialogue com a aprendizagem do jovem de hoje. Porém, a transformação efetiva no setor educacional vai muito além de simplesmente levar a internet para as escolas e universidades. É preciso que professores, métodos didáticos, instalações físicas, entre outros fatores, estejam qualificados para fazer o melhor uso da tecnologia.

A educação do futuro vislumbra disponibilizar um conteúdo cada vez mais imersivo e o 5G terá um papel fundamental para tornar esse acesso mais democrático, uma vez que estudantes com diferentes realidades socioeconômicas poderão usufruir de uma tecnologia que tenha a mesma qualidade. O 5G vai levar conectividade, como também proverá o acesso de melhor qualidade. E, no final do dia, é o que importa.

Os estudantes brasileiros anseiam por essa nova era e as instituições de ensino começam a despertar para uma educação mais imersiva e de qualidade, buscando aproveitar o potencial de novas oportunidades que se abrem. A educação não pode esperar.